

Olímpia quer ser estância turística

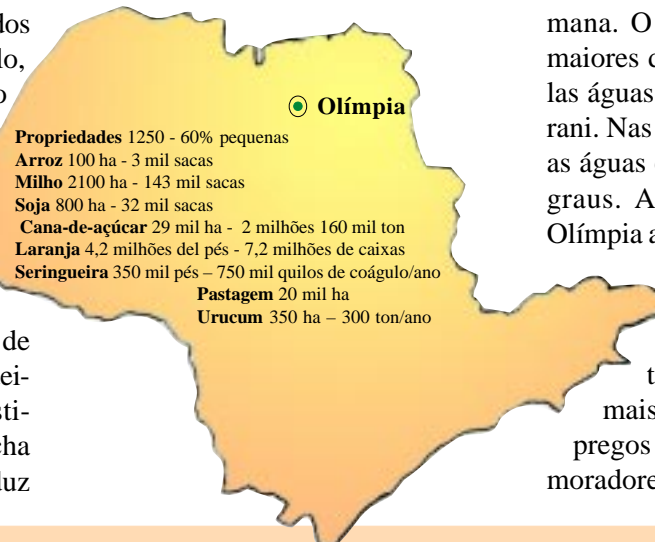
Fotos divulgação do Clube

Das festas escolares do mês de agosto, mês do folclore, surgiu a maior festa do folclore brasileiro. Em 1965, o festival promovido pelo professor José Sant'anna deixou a escola e foi realizado na praça da matriz de Olímpia. Começava uma história de sucesso e resgate da cultura brasileira, sem nenhum precedente em outra cidade. O último festival, o 40º, reuniu cerca de 70 grupos de todo o Brasil. Em uma semana, 155 mil pessoas passaram pelo "folcloródromo", um recinto construído em 1986 especialmente para o festival. Além do folclore brasileiro a cidade promove, no mês de abril, o Fifol, Festival Internacional de Folclore. Neste ano, 21 países foram representados. Outra tradição retomada na cidade foi a do artesanato com palha de milho. O trançado estrela transforma a palha em bolsas, almofadas, jogos americanos, bandejas etc. A cidade vive com entusiasmo estas tradições. Nas escolas municipais os alunos são craques em história e folclore. A educação é um orgulho para os 55 mil habitantes. A criação da jornada única mantém os alunos, dos ensinos básico e fundamental, o dia todo na escola, onde complementam o currículo com aulas de línguas, informática e artes plásticas.



O clube Thermas dos Laranjais é um dos cinco maiores do país, garantindo sombra e água quente aos seus visitantes

A economia, como na maioria dos municípios do interior de São Paulo, se concentra nas atividades do agronegócio: antes, dentro e depois da porteira. A cultura da laranja é a maior, mas a cana-de-açúcar avança, com a vantagem de ser a matéria-prima utilizada na própria cidade, onde há produção de açúcar líquido. O plantio de seringueiras também cresce e atrai investimentos. Duas indústrias de borracha funcionam na cidade, que já produz



cerca de 300 toneladas de borracha por ano. Também agregando valor, o urucum é outra cultura em crescimento. Mais de 70% da matéria-prima utilizada por duas indústrias vem de fora. O corante produzido na cidade segue para os grandes centros e para outros países, assim como o mel de abelhas processado, nacionalmente conhecido.

O turismo é um setor em expansão. Em dois anos foram construídos na cidade 7 hotéis e 5 pousadas, garantindo o bem-estar dos turistas atraídos pelos festivais de folclore e aos que querem sombra e água quente. O Clube Thermas dos Laranjais recebe cerca de 10 mil pessoas por semana. O parque aquático, um dos maiores do Brasil, é alimentado pelas águas quentes do Aquífero Guarani. Nas piscinas, de todos os tipos, as águas estão sempre entre 35 e 37 graus. Apesar de tantos atrativos Olímpia ainda não conseguiu o reconhecimento de Estância Turística. Com os benefícios deste reconhecimento a cidade espera atrair mais visitantes, criar mais empregos e melhorar a renda de seus moradores.



O interior se orgulha do interior



No ano passado o prêmio de uma das mais importantes feiras de decoração e design do país foi arrematado por um grupo de artesãs de Olímpia, interior de São Paulo. A almofada, decorada com estrelas de palha de milho trançado, foi escolhida entre 334 produtos inscritos para o IV Prêmio Housewares & Gift de Design/2003. Um prêmio que encheu de orgulho as artesãs e representou um acréscimo significativo nas encomendas deste trabalho, que durante décadas ficou esquecido.

A conversa com as artesãs mostra isso: "Aqui fazemos o artesanato raiz. Utilizamos a mesma matéria-prima que utilizavam os sertanejos pioneiros que desbravaram esta região, mas adaptando aos tempos de hoje, tanto no próprio trançado como nas peças", revela Odete Corodini, uma das mais animadas ao lado de Dona Isabel Gambeiro, a mais velha do grupo, com 77 anos. A história do resgate desta técnica secular, de dar forma à palha de milho, é repetida a todos os visitantes.

Há cerca de três anos, por conta do Festival de Folclore de Olímpia, o diretor do Sebrae-SP visitou o Museu Histórico da Cidade e se encantou com três peças expostas: um chapéu, uma cesta e um carrinho de boi trançados de forma especial. Foi dele a sugestão do resgate da técnica.

A missão foi entregue a Geralda Singh, a Dona Lalá, que durante sessenta dias se debruçou sobre as três peças para desvendar os segredos daquele trançado firme e original. Desvendados os mistérios, e com o apoio do Sebrae-SP, o grupo de 9 artesãs e 1 artesão não pára de trabalhar.

As peças já foram enviadas para 2 feiras internacionais, uma na Itália e outra na Alemanha. Lojas de de-



Artesãs de Olímpia resgatam técnica do século XIX

coração de todo o país fazem encomendas das diversas peças produzidas atualmente: abajur, bolsas, vidros de mantimentos, cestas, caminhos de mesa, jogos americanos, porta-guardanapos, porta-pirex, e outros produtos da criatividade das mulheres de Olímpia.

Convite para feiras no Brasil também não faltam, e elas têm viajado muito para divulgar o trançado estrela. Além disso, duas exposições permanentes contam com os produtos de Olímpia, uma no Sebrae-SP e outra no Aeroporto de Congonhas.

Com o sucesso do trabalho muitas pessoas se interessaram pelo trançado estrela na cidade, mas a maioria logo desiste. O trabalho é difícil, lento e muito preciso. Cada pessoa produz cerca de 20 estrelas por dia, trabalhando 4 horas no ateliê e outras tantas em casa.

O trançado lembra as dobraduras japonesas, e a montagem, um jogo de Lego. A palha de milho, que é trabalhada molhada, é cedida às artesãs por pequenos produtores da região que ainda colhem manualmente suas lavouras.

Apesar de todo este sucesso, o trabalho ainda rende pouco para as artesãs. Elas faturam as encomendas e dividem os lucros de 3 em 3 meses: "para juntar um pouquinho", explica Odete.

Mas os pedidos aumentam e as possibilidades são imensas. Estilistas da Fashion Week estão de olho no trabalho delas. Uma grande indústria de cosméticos do Brasil quer usar as estrelas de milho em suas embalagens e a mais famosa indústria nacional de chinelos de borracha encomendou um modelo de pedras naturais e estrelas, que está sendo analisado pelos especialistas em novos produtos da empresa.

Quando se pensa em interior a mistura de passado, presente e futuro, de antigo e moderno, de campo e cidade representa desenvolvimento. Representa a força de um povo que fez e faz o sucesso deste país, com trabalho, criatividade e renovação constante. O resgate dessa técnica de artesanato, no mínimo, faz com que não se subjugue o interior, que a cada dia tem mais orgulho de ser INTERIOR.

Debater é preciso. Ser razoável, também.

O Ciclo de Debates da ABAG/RP vem atingindo os objetivos propostos quando de sua criação em 2001: trazer para o interior as discussões sobre assuntos que muitas vezes ficam concentrados no eixo Rio-Brasília-São Paulo, mas que dizem respeito aos agentes que estão fora dele e que fazem o agronegócio brasileiro ser o que ele é.

O último tema discutido foi “negociações internacionais”, com ênfase na rodada de negociações da OMC. O convidado foi Pedro de Camargo Neto, ex-Secretário de Produção e Comercialização do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Governo Fernando Henrique Cardoso, e atual consultor internacional da Sociedade Rural Brasileira. Camargo Neto foi o autor do estudo entregue ao Itamaraty que embasou a elaboração das ações do algodão e do açúcar abertas na OMC. As duas ações, ou painéis, foram protocoladas no mesmo dia, em outubro de 2002. As vitórias, ainda que em caráter preliminar, saíram também praticamente ao mesmo tempo, no primeiro semestre de 2004. A primeira vitória foi contra os Estados Unidos, na ação contra os subsídios concedidos

aos seus produtores de algodão. A segunda, contra a União Européia, na ação contra subsídios à exportação de açúcar.

Em sua apresentação, Pedro Camargo traçou um detalhado histórico das negociações internacionais, começando pela Rodada Uruguaia do GATT, que antecedeu a criação da OMC, quando a questão agrícola finalmente foi incorporada à pauta de negociações, e concluiu com o “framework”, o Acordo de julho da OMC que, segundo ele, foi muito comemorado, mas que, de fato, apenas garantiu a continuidade das negociações até o próximo encontro em Hong Kong, em 2005. De acordo com Camargo, com o final da Cláusula da Paz e a vitória nos contenciosos, o relógio que corria contra o Brasil se inverteu. Agora está contra os países “protetores”, que podem ser acionados por qualquer país que se sinta prejudicado. Quanto à ALCA Camargo foi claro: não há vontade política do governo brasileiro em negociar, e hoje é praticamente impossível vislumbrar qualquer acordo. O que vem ocorrendo são acordos pelas beiradas, que podem ser muito prejudiciais ao Brasil. Já no Fórum Mercosul x União



Pedro Camargo Neto, à vontade, falou durante quase três horas para uma platéia exigente e atenta

Européia há, segundo ele, mais boa vontade, mas a paralisação das negociações dentro do continente americano fez com que os europeus também estagnassem, e os avanços nas negociações caminham pouco. É preciso debater mais os assuntos que emperram as negociações: serviços, compras governamentais, propriedade intelectual e investimentos, como tem sido feito com as questões agrí-

Um caminho longo, repleto de reu-

niões intermináveis, pequenas vitórias e derrotas frustrantes. Um caminho onde a iniciativa privada tem papel muito importante, e deve seguir o exemplo do agronegócio, que se organizou para fazer valer suas expectativas em relação ao comércio internacional e frear “maus acordos”. Um exemplo desta organização foi a cria-

ção do Ícone, Instituto de Estudos de Comércio e Negociações Internacionais, patrocinado por diversas entidades do setor e que, com forte base técnica, elabora estudos e projeta cenários que permitem a avaliação prévia e a visualização dos impactos das medidas e políticas propostas.

Os documentos têm servido para

embasar os discursos tanto do setor privado quanto dos negociadores oficiais do governo brasileiro. Mas ainda há muito por fazer. Além de eliminar os subsídios às exportações e disciplinar as medidas de apoio interno é imperativo não perder de vista a necessidade de negociar o acesso a novos mercados.



Editorial

45' do segundo tempo

O Brasil é o terceiro maior exportador mundial de produtos do agronegócio e o primeiro em saldo comercial. Este excelente desempenho poderá ser ainda muito maior, mas depende do sucesso nas negociações de acordos internacionais.

As vitórias nos painéis do açúcar e do algodão, no âmbito da OMC; a consolidação do G-20; e a sinalização da eliminação dos subsídios às exportações e da redução das medidas de apoio interno, na Rodada de Doha, são ganhos significativos, ainda que insuficientes.

Modelos econométricos deixam claro que os maiores ganhos de comércio estão relacionados ao acesso a mercados, um dos aspectos onde o Brasil jamais obteve qualquer concessão relevante. Em todas as tentativas de acordos comerciais regionais e bilaterais, que se multiplicam mundo afora, o tema “acesso a mercados” é o

mais discutido. Com o Brasil não tem sido diferente. Há mais de uma década engajou-se em dois projetos de vasta amplitude: ALCA e Mercosul x UE.

A ALCA agoniza, paralisada. O Acordo Mercosul x UE está no minuto final do segundo tempo. Impasse. Foram mais de dez anos de negociações. Restam apenas até o dia 31 de outubro, data em que serão trocados todos os comissários europeus. É pior do que voltar à estaca zero, pois em 2005 dez novos países, resistentes à entrada de novos fornecedores, serão incorporados à UE. Em jogo para o Brasil: bilhões de dólares, a interiorização do desenvolvimento, a movimentação das indústrias, dos transportes, dos serviços, do comércio, da geração de empregos, divisas e renda. que no dia de Todos os Santos posamos correr para o Abraço!

Mônika Bergamaschi